

um cano com secção triangular isósceles. Os bordos das abas entravam nas reintrâncias das abas das tijoleiras seguintes, mas ficando uns intervalos com 1^{cm},5 de largura entre as tijoleiras sucessivas, em toda a altura das faces das mesmas. Esse intervalo denuncia a applicação daquelas tijoleiras para a drenagem do terreno. O cano não tinha soleira, nem qualquer estrutura de alvenaria que impedisse que a aba inferior das tijoleiras se enterrasse na argila; apenas as duas abas superiores apresentavam vestígio dum cordão de argamassa, vedando a junta e estabelecendo a ligação entre as tijoleiras. Na ocasião em que foi pôsto a descoberto, e certamente desde muito tempo, o espaço entre as tijoleiras estava completamente preenchido com argila, que em cousa alguma se distinguia da que as envolvia pela banda de fora.

Foram estes os objectos mais interessantes que se encontraram, mostras duma civilização adiantada, bem que muito remota; além das tijoleiras e dos alicerces mencionados, também se descobriram na escavação estes, de época mais moderna:

- a) Restos de cadinhos de fundição de bronze;
- b) Um Santo António de barro, com 12^{cm} de altura;
- c) Um pião (brinquedo);
- d) Uma panela de barro com duas asas, com 18^{cm} de altura, 22^{cm} de diâmetro no bôjo, e 12^{cm} de diâmetro na bôca.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1920.

A. VIEIRA DA SILVA,
Eng.º

Monumentos pre-históricos do concelho de Viseu

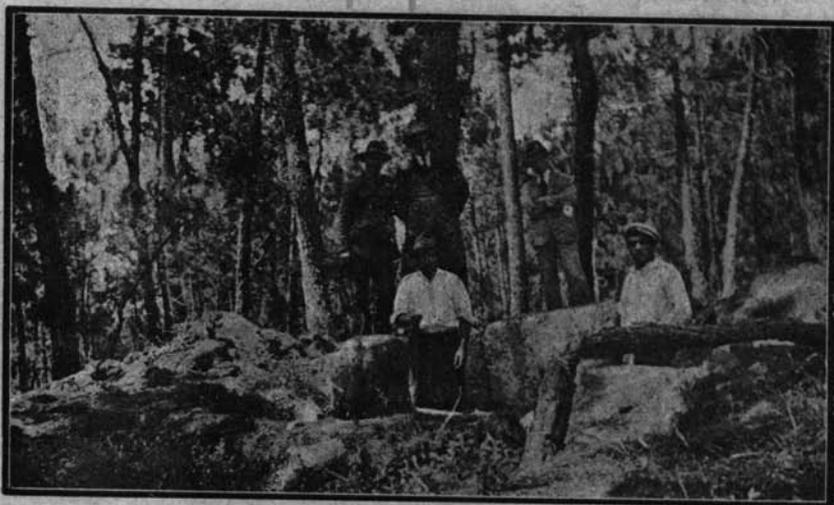
Apesar de não ter como indicador da sua importância arqueológica mais do que uma ou outra notícia isolada em livros e revistas da especialidade ou periódicos locais, a Beira-Alta constitui uma das regiões do país mais ricas em restos monumentais dos tempos pre-históricos. Desta considerável riqueza arqueológica pode considerar-se sufficiente prova o nosso estudo sobre as antiguidades da região lafonense¹, que a Gralheira, o Montemuro e o Caramulo abrangem entre as suas ramificações.

¹ «*Antiquidades pre-históricas de Lafões*», que vai publicar-se nas *Memórias e Notícias* do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra.

O concelho de Viseu, correspondendo a uma zona mais ou menos planáltica que imediatamente confina com a região de Lafões, possui ainda numerosas antiguidades pre-históricas dignas de especial menção, algumas das quais têm já sido assinaladas. Assim, o meu ilustrado amigo Sr. Dr. Alexandre Correia de Lemos há muito que deu notícia da existência de um dólmen e uma mamoa na serra de Mundão¹, e o Sr. José Coelho, Professor e actualmente Reitor do Liceu de Alves Martins, fez, na sua dissertação para o magistério, o estudo dum dólmen muito interessante — o *Mamaltar de Vale de Fachas* — situado a poucos quilómetros de Viseu, junto da povoação de Travassós de Cima².

A Mamoinha do Senhor do Pedrão e mamoas vizinhas

Entre os monumentos pre-históricos que no concelho de Viseu ainda se conservam, a *Mamoinha do Senhor do Pedrão* tem um



A «Mamoinha», antela do Senhor do Pedrão

lugar de merecido destaque, não só pelas dimensões das lajes do megálito que encerra, mas também porque este constitui o único sobrevivente duma longa série de antiguidades monumentais hoje desaparecidas. É, como o nome indica, uma mamoa de terra e pequenas pedras escondendo quási totalmente uma *antela* ainda completa, for-

¹ *Archeólogo Português*, t. xvii, pp. 192-193.

² *Estudos pre-históricos: Mamaltar de Vale de Fachas*, Famalicão 1912.

mada de dez grandes lajes graníticas (fig. 1), e fica situada junto da ermida do Senhor do Pedrão¹, pertencente à freguesia de Torredeita.

A laje principal, voltada ao Poente, que deve ter 3^m,50 a 4 metros de altura, encontra-se disposta verticalmente sobre o solo, ou melhor, um pouco inclinada para o centro do monumento. As outras lajes, encostando sucessivamente umas às outras, vão-se também tornando mais oblíquas ou mais inclinadas, sendo as lajes voltadas a Nascente que apresentam inclinação máxima. Estas últimas encontram-se, ao que parece, um pouco desviadas da sua posição primitiva, fazendo supor que tivessem feito parte duma galeria sepulcral, hoje destruída, hipótese reforçada pelo facto de a mamoa apresentar vestígios de ter sido escavada. Parece-nos, entretanto, que este facto, longe de significar que o monumento outrora tivesse tido galeria, seja antes indicador duma antiga tentativa de desvio das lajes em questão, devendo assim tratar-se, não duma anta, mas duma antela de grandes dimensões.

Uma ligeira pesquisa que fizemos neste monumento demonstrou ter sido revolvido o seu conteúdo, em época não muito afastada. Prova-o o aparecimento de duas moedas de cobre de D. Maria II, a uma profundidade de 1 metro, certamente ali deixadas por algum aficionado na arte de descobrir tesouros encantados. Ainda assim essa pesquisa produziu uma linda *ponta de frecha* em sílex, com a forma de fôlha de loureiro, e fragmentos de cerâmica pertencentes a vários objectos.

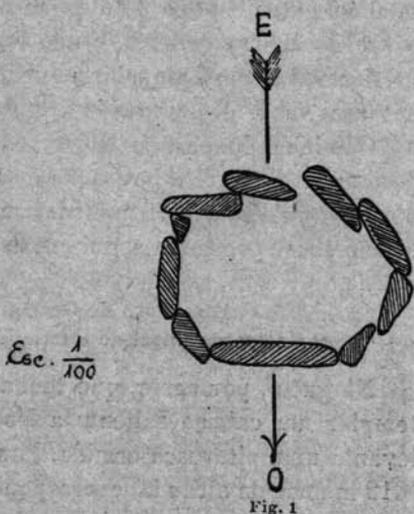


Fig. 1

¹ O nome de *Senhor do Pedrão* provém, evidentemente, do facto de a ermida ter sido construída junto ou mesmo sobre as ruínas dum desses antigos monumentos megalíticos, talvez como reminiscência de primitivas crenças litolátricas. É essa a designação consagrada pelo uso popular, e muito bem, não obstante muita gente escrever *Senhor do Perdão*, até mesmo jornalistas católicos que *pro domo sua* não deviam cair em tal dislate. A Carta Corográfica diz *Sr. do Padrão*: ainda neste caso a alusão a um monumento megalítico é evidente, porquanto a palavra *padrão* qualifica também uma *grande pedra*, como *pedrão*, e aparece freqüentes vezes no onomástico regional significando anta ou *dólmen*.

Devemos acrescentar que a *Mamoinha* não se encontra isoladamente, porquanto nessa mesma explanada, onde todos os meses se realiza uma importante feira de gado, e todos os anos, em abril, a concorrida romaria do Senhor do Pedrão, se podem examinar nada menos de dez mamoadas danificadas e algumas já quasi completamente destruidas. O local em que se levanta o monumento é conhecido também entre o povo pelo nome de *Vale Dormir*, assinalando talvez o seu carácter sepulcral, e não longe, junto de Rotar, a designação de *Arcainha* vem denunciar a existência doutra antiguidade da mesma natureza, hoje desaparecida¹.

Caminhando para o Norte, não tarda a aparecer outra mamoadas desmornada entre a povoação do Salgueiral e o sinal trigonométrico de *Casa da Velha* (576 metros); e a própria designação dada a este último local por certo argüi a existencia dum antigo monumento megalítico.

A Senhora do Crasto e mamoadas adjacentes O Castro do Casal de Gumiel e seus monumentos sepulcraes

Ninguém, por certo, que tenha estado em Viseu, deixou de contemplar um cabeço saliente a Noroeste da cidade, sobre o qual se levanta uma pitoresca ermida. É a *Senhora do Crasto*; e esse cabeço (612 metros de altitude) corresponde, efectivamente, conforme o onomástico indica, a um antigo castro pre-histórico ou pre-romano de-

¹ As mamoadas do Senhor do Pedrão iniciam d'este lado uma longa série de antiguidades congêneres pertencentes à região de Besteiros, entre as quais citaremos, por as termos descoberto nas nossas excursões, as seguintes: duas mamoadas violadas, cêrca de 100 metros ao Norte da povoação do Fial; várias outras de grandes dimensões, a meia distância entre Fial e S. Miguel de Outeiro precisamente na zona de contacto entre o granito e o xisto; quatro mamoadas, algumas das quais ainda com vestígios de monumento megalítico, à beira da estrada, ainda não concluída, que liga as povoações de Paranho e Vilar de Besteiros; três outras, ladeando a estrada que do Mosteiro segue para Tondela, no sítio denominado Salgueiro, e que o povo considera como tendo sido *habitações dos mouros*; finalmente, uma mamoadas de enormes dimensões (cêrca de 30 metros de raio) na vasta explanada do Tojal Mau, que sem dúvida escondeu o megalito *princeps* desta região, há algumas dezenas de anos destruído para aproveitamento das grandes lajes que o formavam. A construção deste último, numa zona onde a pedra não aparece, demonstra um esforço colossal para a época a que diz respeito, pois a qualidade do granito das pesadas lajes que o formavam revela que estas devem ter sido extraídas em pedreiras de Paranho — a cêrca de duas léguas de distância!... O megalito desapareceu, mas a mamoadas ainda se conserva em bom estado, embora dando a impressão d'esses monumentos veneráveis nos quais, como diz um escritor célebre, *se admira mais o que se não vê do que aquilo que está visível*.

fendido por muralhas em grande parte naturais. Os vestígios da presença e actividade do homem são evidentes: cordões de pedra miúda em volta do recinto fortificado, insculpturas e sinais diversos gravados nos rochedos, penedos com *fossettes*, etc.

Na depressão do terreno que fica para o lado de Viseu, encontra-se uma mamoa violada, e, na base do outeiro, assenta ainda a calçada romana, conhecida entre o povo pelo nome de *estrada velha*, que da capital da Beira se dirigia a Águeda, a entroncar com a via militar de Eminio a Cale. Não longe da calçada, encontram-se ainda os fragmentos duma sepultura antropomórfica cavada em granito.

Seguindo do *Crasto* em direcção a Mòzelos, encontraremos uma nova mamoa, cêrca de 500 metros desviada da povoação para Nascente. É um montículo de 15 metros de raio *plus minus*, e ainda bem conservado, se bem que tenham sido desviadas as grandes pedras que primitivamente encerrou, como testemunha a existência duma depressão central que se continua para a periferia, onde, segundo tudo leva a crer, ficava também a galeria sepulcral igualmente destruída.

O Castro do Casal de Gumiei, que aqui designamos pelo nome da povoação que lhe fica contígua, encontra-se situado bastante mais a Noroeste, correspondendo a um dos pontos culminantes (603 metros) duma série de alturas que constituem a linha divisória das águas entre o Vouga e o Troce. Os vestígios de antiga população pre-histórica são os mesmos que geralmente se encontram em castros da mesma natureza—abrigos na rocha, panos de muralha ciclópica, pias, *fossettes*, etc. Uma particularidade interessante dêste castro consiste na existência de duas mamoas numa pequena extensão de superfície plana que lhe fica adjacente. Essas mamoas, sinal incontra-verso de povoamento pre-histórico no cabeço dominante, encontram-se, porém, bastante danificadas, e uma apenas guarda ainda algumas das grandes pedras do monumento megalítico que primitivamente encerrou.

A Casinha Derribada e mamoas próximas Mamoas e antas destruídas da serra de Mundão

A série de explanadas que contornam ao Norte a planície do Campo por certo deveriam prender agora a nossa atenção, se a constituição geológica dos terrenos aliada à escassez em água não compromettesse, em grande parte, as suas condições de habitabilidade para o homem pre-histórico. Ainda assim, não longe da ermida de Santo António da Serra, precisamente na zona de dispersão das der-

radeiras ramificações do Pavia e do Troce, fica uma grande mamoa violada, sem qualquer vestígio de importância.

Dali até à pirâmide trigonométrica de *Casinha Derribada* (670 metros), o xisto, em adiantada fase de desagregação, apenas é interrompido por um ou outro afloramento de quartzito. É este o material empregado na construção da *Casinha Derribada*, um pouco ao Norte da povoação da Póvoa, e que outra cousa não é senão um antigo monumento megalítico destruído, sobre as ruínas do qual assenta ainda o marco geodésico.

Digamos agora alguma cousa sobre as antiguidades da chamada *serra de Mundão*, que se estende a Nordeste de Viseu. Entre as várias *quintas* em que ali se encontra distribuída a população, duas delas — a *Quinta das Antas*, situada entre Cavernães e Mundão, e a *Quinta do Padrão*, um pouco mais ao Sul — claramente manifestam a existência de monumentos pre-históricos¹. Efectivamente, cêrca de 100 metros a Oeste da Quinta do Padrão, encontra-se ainda uma mamoa com *dólmen* em parte destruído, de que restam duas lajes ou esteios da câmara e quatro lajes da galeria que voltava para Sudoeste. Na explanada sobranceira, outros vestígios podemos observar, entre os quais uma mamoa de que restam duas lajes, cêrca de 1 quilómetro ao Norte do marco geodésico de Queimadas (616 metros) e um *dólmen*, conhecido pelo nome de *Pedra da Moura*, um pouco a Sudoeste da povoação de Vendas, ha três ou quatro anos destruído para lhe aproveitarem as grandes pedras que o compunham. Resta ainda a mamoa, mostrando evidentes indícios desta recente violação.

O Altar de Vale das Fachas e o Penedo Lurado junto de Travassós

Cêrca de uma légua a Nordeste de Viseu, não longe da povoação de Travassós de Cima, fica situada a planura do *Vale das Fachas*, onde se encontra uma mamoa com *dólmen* quasi completo, conhecido no onomástico local pela designação de *Altar*, e a que o Sr. José Coelho que, como dissémos, estudou esse monumento, dá o nome de *Mamaltar de Vale de Fachas* ou *Anta do Altar*.

¹ As *quintas* a que nos referimos e outras muitas que para o caso não importa citar — a Quinta da Corga, do Revedal, etc. — fazem ainda reviver aos nossos olhos, nesses tractos de terreno ingrato e de população muito escassa, o aspecto da distribuição dos núcleos povoados nos tempos imediatamente posteriores à occupação romana. Ali se encontram, com effeito, reúnidos todos os caracteres da antiga herdade ou *vila* rústica, correspondendo sempre a uma casa de habitação independente, onde mora o proprietário ou rendeiro de todo o terreno de cultura que fica contíguo.



O «Altar», anta e galeria coberta de Vale das Fachas



O «Penedo Lurado» ou «Penedo da Moura» junto de Travassós

Essa anta, embora lhe falte a *tampa* ou *chapéu*, que é sempre o mais característico adorno destas construções megalíticas, pode sem dúvida classificar-se como a mais importante desta zona, ao menos pelo seu estado de conservação e pelas dimensões da câmara sepulcral. Além de apresentar ainda *galeria coberta* (fig. 2), como não é vulgar entre os outros monumentos megalíticos da região ou de regiões vizinhas, o achado, entre o seu espólio, duma placa de pedra com pintura a ocre, representando, segundo tudo leva a crer, um ídolo neolítico tatuado, bastava para impor a anta do Vale das Fachas à nossa consideração¹.

Na mesma planura, e a pequena distância para o Norte, fica outra mamoa com sinais visíveis de haver sido despojada do megálito que primitivamente escondeu.

O Sr. José Coelho refere-se também, no estudo que citámos, a um *dólmen* situado nas imediações e conhecido pelo nome de *Penedo Lurado*. Trata-se, não de um *dólmen*, mas apenas de um *abrigo* natural em forma de mesa, aproveitado e modificado pelo homem pre-histórico. Os pastores da localidade dão-lhe também o nome de *Penedo da Moura*, e o trabalho humano é suficientemente demonstrado pelo facto de êsse penedo apresentar grandes buracos e *fossettes*, vestígios que se encontram mais ou menos em todas as regiões, estampilhando quasi sempre monumentos pre-históricos.

(Continua).

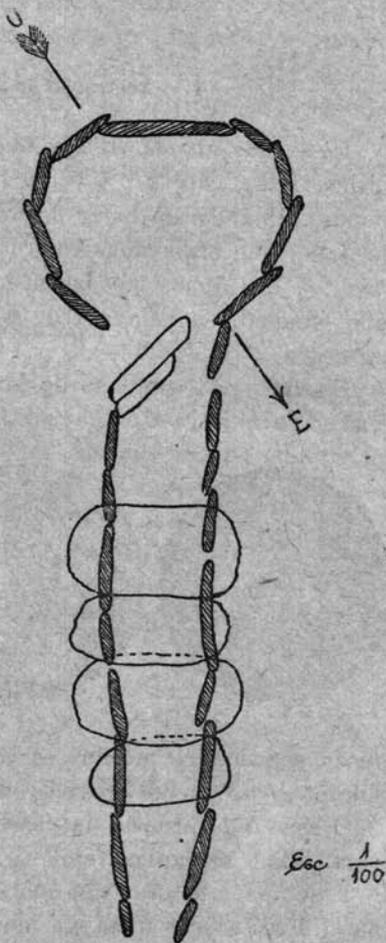


Fig. 2

A. DE AMORIM GIRÃO.

¹ A exploração desta anta, levada a efeito pelo Sr. José Coelho, produziu ainda seis machados de pedra, três facas de sílex e dois vasos de barro, além de vários restos cerâmicos de pouca importância.